

Diferentes nomenclaturas de português como língua não materna
Different nomenclatures of portuguese as a non-maternal language

Ana Carolina Fontana

Universidade Federal de Juiz de Fora
<https://orcid.org/0000-0001-7886-8035>
ana.fontana@letras.ufjf.br

Bruna da Silva Camargo

Universidade Federal de Juiz de Fora
<https://orcid.org/0000-0002-5007-8477>
bruna96camargo@gmail.com

Maria Isabel Lopez Nunes

Universidade Federal de Juiz de Fora
<https://orcid.org/0000-0002-6585-6518>
m.isabelnunes@hotmail.com

RESUMO

Desde a década de 1970, há discussões sobre a posição e a relevância do ensino de português como língua estrangeira (doravante denominado PLE). Em 1956, a publicação do livro didático "Ensinando Português para Estrangeiros", de autoria de Mercedes Marchandt e publicado em Porto Alegre / RS, conferiu ao PLNM um lugar de destaque no ensino, abrindo um precedente para o ensino de português como língua estrangeira (doravante denominado como PLE) no Brasil. Neste artigo, utilizaremos a nomenclatura de Português como Língua não Materna como um termo guarda-chuva para as outras nomenclaturas de ensino de português e apresentaremos também as suas peculiaridades. Este trabalho tem como metodologia o levantamento de documentos e artigos com as diferentes nomenclaturas que serão apresentadas.

Palavras-chave: PLNM; PLM; NOMENCLATURAS.

ABSTRACT

Since the 1970s, there have been discussions about the position and relevance of teaching Portuguese as a foreign language (hereinafter referred to as PLE). In 1956, the publication of the textbook "Ensinando Português para Estrangeiros", authored by Mercedes Marchandt and published in Porto Alegre / RS, gave PLNM a prominent place in teaching, setting a precedent for the teaching of Portuguese as a foreign language (hereinafter referred to as PLE) in Brazil. In this article, we will use the nomenclature of Portuguese as a non-native language as an umbrella term for the other nomenclatures for teaching Portuguese and we will also present its peculiarities. This work has as methodology the survey of documents and articles with the different nomenclatures that will be presented.

Keywords: PLNM; PLM; NOMENCLATURES.

Introdução

Desde a década de 1970, há a discussão sobre o lugar e a relevância do ensino de Português como Língua Não Materna (doravante PLNM). Como apresentado por Coelho e Silva (2018), esse ensino é dividido em três frentes de atuação: o Português para Estrangeiros (PE), o ensino de português como segunda língua para indígenas e o ensino de português para surdos. Porém, após contatos com diversos pesquisadores em congressos e leituras de outros artigos e livros, tivemos contato com outras nomenclaturas para os diversos ensinamentos de português que existem no Brasil e no mundo.

O ensino de PLNM ganhou destaque com a publicação do livro didático “O Ensino de Português para Estrangeiros” em 1956, escrito por Mercedes Marchandt e publicado em Porto Alegre/RS, inaugurando, dessa forma, o ensino de Português como Língua Estrangeira (doravante PLE) no Brasil. Entretanto, o PLE não é a única forma de ensino de PLNM, há o ensino de português para refugiados, migrantes transnacionais (CAMARGO, 2019); o ensino de português para filhos de migrantes brasileiros que vivem em outros países; o ensino de português como segunda língua para as comunidades surdas e indígenas; dentre outros.

Assume-se neste artigo o objetivo de apresentar as diferentes nomenclaturas e mostrar as suas peculiaridades. Utilizaremos a nomenclatura de português como Língua não Materna como um termo guarda-chuva para as outras nomenclaturas de ensino de português, visto que a designação do PLNM surge em oposição ao conceito de PLM, que veremos mais adiante, englobando as diversas nomenclaturas que serão abordadas e trabalhadas neste trabalho.

1. Português como língua materna

Segundo o E-Dicionário de Termos Literários, há duas categorias de fatores, sendo elas psicolinguística e sociolinguística, que ajudarão a definir o estatuto de determinada língua para um indivíduo. Para Spinassé (2006), a aquisição da primeira língua (L1), ou da língua materna (LM), é uma parte integrante da formação do conhecimento de mundo do indivíduo, pois junto à competência linguística se adquirem também os valores pessoais e sociais.

O conceito de língua materna é considerado, muitas vezes, um conceito claro, intuitivo, entretanto, apesar de ser uma denominação de compreensão mais fácil que os demais termos, ainda é pouco trabalhada. O termo língua materna ou primeira língua não diz respeito, necessariamente, à língua da mãe, nem à primeira língua a ser aprendida. Existem muitos aspectos linguísticos e não-linguísticos a serem considerados, que vão além das definições compreendidas. Por via de regra, a LM é a aprendida em casa, com os pais, e a língua normalmente usada na comunidade em que se está

inserido. No entanto, a língua falada pelos pais pode não ser a língua falada pela comunidade, e ao adquirir duas línguas, temos o caso do bilinguismo, quando há mais de uma L1.

Dessa forma, ainda de acordo com Spinassé (2006),

Afirma-se, de forma geral, que línguas adquiridas ainda cedo são dominadas como L1 – mas desde que aquelas desempenhem uma função semelhante à desta. (...) Não existe, na verdade, uma “receita” para a diferenciação entre Primeira Língua, Segunda Língua e Língua Estrangeira. O status de uma língua também pode variar com o tempo, é necessário apenas estabelecer uma outra relação com ela.

4

A definição de língua materna deve considerar diversos fatores, como: a língua da mãe, a língua do pai, da comunidade em que se vive, a primeira língua a ser adquirida, a língua falada no cotidiano, a língua falada predominantemente na sociedade, a melhor dominada pelo indivíduo, e por fim, a língua em que ele se sente mais à vontade. São esses os aspectos fundamentais para se identificar a língua materna.

2. Divisões do PLNM e suas peculiaridades

Nas divisões dentro do PLNM, podemos analisar inicialmente os ensinos de PLAc, PLH e PLE, eles têm como principal característica os movimentos migratórios presentes na globalização atual, caracterizada pela diminuição das distâncias espaciais e temporais e pelas porosidades das fronteiras nacionais (KUMARAVADIVELU, 2006) e também, como é o caso do PLAc, de problemas geopolíticos apresentados atualmente. Nesta nova configuração a mobilidade não é restrita ao trânsito de pessoas de um país para outro, com fins migratórios ou turísticos, mas envolve também fluxos culturais e linguísticos. Já o ensino de PL2 é descrita por Almeida Filho (2007; 2017) como “a língua da sociedade circundante e a língua através da qual as comunicações com esse entorno se realiza”, sendo assim um ensino para a minoria residente no Brasil, como a comunidade indígena e a comunidade surda (MELO-PFEIFER, 2018).

Dito isso, é necessário ver quais são as diferentes peculiaridades do ensino de português para, então, conseguir analisá-las dentro de cada situação. É possível observar as diferentes situações no ensino de português: o ensino voltado para refugiados, migrantes transnacionais (CAMARGO, 2019) (PLAc), o ensino voltado para filhos de migrantes brasileiros que vivem em outros países (PLH), o ensino de português como segunda língua para as comunidades surdas e indígenas (PL2), o ensino voltado para os aprendizes que desejam aprender a língua em situação de imersão (PLE), dentre outros.

2.1. Português como língua Estrangeira (PLE)

Uma língua estrangeira é definida como um idioma não falado pela população de um determinado local, dessa forma, definida por Souto, Além, Brito e Bernardo (2014; apud REVUZ; 1998) como “uma segunda língua, aprendida depois e tendo como referência uma primeira língua, aquela da primeira infância”. Porém, a grande diferença é que a língua estrangeira não serve necessariamente à comunicação e, a partir disso, não é fundamental para a integração, enquanto a segunda língua desempenha um papel até mesmo vital numa sociedade. Detecta-se o ensino de PLE em universidades brasileiras para o ensino da língua aos intercambistas, nas universidades estrangeiras para os alunos com interesse de aprender a língua, ou para o ensino de português para fins específicos, como para negócios e questões profissionais.

2.2. Português como Língua Adicional (PLA)

Quanto à utilização do termo adicional, diz respeito ao acréscimo de um conhecimento a outro, sendo este a língua nativa do falante, e é muito utilizado por diversos pesquisadores em universidades brasileiras quando escrevem e trabalham com a área. Com isso, a língua portuguesa vem sendo cada vez mais valorizada como objeto de estudo educacional e acadêmico. Assim, o ensino de PLA vem ocupando um espaço crescente no cenário brasileiro, já que universidades do país desenvolvem programas de ensino desse idioma como língua adicional para estudantes estrangeiros em situação de mobilidade acadêmica.

O PLA, muitos pesquisadores o utilizam para designar uma língua que está sendo acrescentada ao conhecimento do aluno, e que juntamente com a língua nativa, irá compor uma gama de novos aprendizados. O ensino de PLA pretende não só a aquisição de um novo idioma aos alunos, mas também propor o autoconhecimento, interdisciplinaridade e a participação em novos contextos que envolvem a utilização de uma nova língua como comunicação em um contexto social e cultural (SCHLATTER; GARCEZ, 2012).

Outra nomenclatura que os estudantes da área podem encontrar para o PLA é o PFOL (CORDEIRO, 2020), Português para Falantes de outras Línguas. Essa nomenclatura é utilizada para o programa de extensão da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

2.3. Português como segunda língua (PL2)

O ensino de PL2 (alguns autores também utilizam P2L e outras variações) é descrito por Almeida Filho (2007; 2017) como “a língua da sociedade circundante e a língua através da qual a

comunicação com esse entorno se realiza. [...] O termo L2 é também uma referência a outras línguas ou línguas estrangeiras”. Segundo Grannier (2014, p. 10), a principal diferença do ensino de língua estrangeira, de língua para estrangeiros e segunda língua são as variáveis que não estão na natureza das considerações linguísticas nem na fundamentação do processo de aquisição de uma língua nova, porém, é encontrada nas considerações circunstanciais do ensino e da aprendizagem.

Esse ensino pode acontecer em vários casos em que a LM do aprendiz é outra, mas a língua de seu país é a língua portuguesa, como no caso de: indígenas brasileiros; brasileiros de comunidades que possuem línguas minoritárias europeias ou asiáticas; e surdos que tenham, ou deveriam ter, a Libras como LM, entre outros tantos. Segundo Campetele (2014) uma das primeiras considerações necessárias para que se leve a efeito os processos de ensino e de aprendizagem do português como segunda é a situação linguística, ou seja, o grau de bilinguismo e a condição de preservação e utilização dos aspectos culturais envolvidos nos costumes e no cotidiano dos mesmos.

O PL2 também pode ser visto como PBSL, Português do Brasil como Segunda Língua, que é a primeira licenciatura da área criada no Brasil. Essa licenciatura, presente na Universidade de Brasília, tem por objetivo a formação de professores de língua portuguesa para o ensino do Português Brasileiro a falantes de outras línguas. O curso tem como foco atender às comunidades de falantes de PLNM no Brasil e atender àqueles que desejam aprender o português brasileiro como LE.

2.4. Português como língua de Herança (PLH)

O PLH é a língua adquirida junto da família e da comunidade de origem deslocalizada, num ambiente linguístico majoritário (SOUTO; ALÉM; BRITO; BERNARDO, 2014), nesse caso o português. Desta forma, o PLH é situado de forma muito variável e dinâmica no conhecimento/desconhecimento. Ou seja, depende das práticas de comunicação socioculturais e de transmissões familiares, que se encontram fora de seu país, para o ensino dessa língua. Segundo Souto, Além, Brito e Bernardo (2014), língua de herança é uma especialidade da língua estrangeira e se caracteriza como um contexto em que a língua utilizada pelo indivíduo e a cultura que lhe são ensinadas não são próprias do local onde ele resida. O termo “herança” (MELO-PFEIFER, 2018) se refere ao desejo de preservação ou recuperação da língua e cultura nacionais como capitais herdados de pais nativos ou quando pelo menos um deles é estrangeiro(a) residente com a família num outro país.

2.5. Português como língua de acolhimento (PLAc)

Já o PLAc, é o mais complexo e recente dos ensinamentos de português, pois, o seu foco é o ensino da língua para os refugiados, migrantes forçados ou transmigrantes. Segundo Pereira (2017) a expressão “língua de acolhimento” surgiu em Portugal após o aumento dos movimentos migratórios no país, principalmente nos anos 2000. Esses migrantes eram procedentes de países do leste europeu e dos continentes africanos e asiáticos, que estavam migrando para o país por diversos motivos, desde guerras até oportunidades de empregos. Segundo o autor, o PLAc surge como foco na aprendizagem, pois “era essencial à melhoria da qualidade de vida e à integração dos migrantes na nova sociedade em que se pretendiam inserir.” (PEREIRA,2017).

O ensino de PLAc teve seu início com a vinda de haitianos para o Brasil, porém, só recebeu mais destaque com a vinda de venezuelanos em decorrência das guerras em seu país. É importante ressaltar a diferença do PLAc para o PLE, pois ele se diferencia principalmente pelo grupo de aprendizes. No qual no PLAc, os alunos possuem uma carga cultural e ideológica marcada pelo contexto social do refúgio (PEREIRA, 2017).

2.6. Português como língua transnacional

Termo criado por Zoppi-Fontana e, segundo a autora, para ser considerado uma língua Transnacional a língua deve apresentar diversos gestos de política linguística produzidos por seu Estado e pela sociedade civil para a promoção da língua no país e além-fronteiras, neste caso a língua portuguesa. Para a autora, a dimensão transnacional da língua portuguesa no Brasil se constitui como o efeito de discursividades que refletem a atual conjuntura sócio-política como oportunidade histórica para o desenvolvimento econômico não só através das línguas, mas das línguas enquanto novo mercado de valores. Desta forma, o português como língua transnacional reflete o processo de gramatização da língua, que, segundo Zoppi-Fontana, se estende desde o início dos anos 90, e também funciona como metonímia do Estado-Nação brasileiro. Este último demarcou o prolongamento simbólico de seu domínio político e econômico para além das fronteiras do território nacional, havendo um movimento de reterritorialização do mercado da língua portuguesa do Brasil no mundo.

Para a autora, os seguintes acontecimentos linguísticos também ajudaram na visibilidade da língua portuguesa como língua transnacional e que sinalizaram o último período da gramatização do Brasil: a criação da Sociedade Internacional de Português-Língua Estrangeira (SIPLE), que ocorreu durante o II Congresso Nacional da ALAB, em 1992; a criação em 1993 do Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (Celpe-Bras); e a criação em 1998 do primeiro

curso de licenciatura em Português como Segunda Língua na Universidade de Brasília, descrito acima.

Conclusão

A globalização, atualmente, é caracterizada pela diminuição das distâncias espaciais e temporais e pelas porosidades das fronteiras nacionais (KUMARAVADIVELU, 2006). Nessa nova configuração, a mobilidade não é restrita ao trânsito de pessoas de um país para outro, com fins migratórios ou turísticos, mas envolve também fluxos culturais e linguísticos. Com esse fenômeno, identificamos um número crescente de pessoas interessadas em aprender a língua e as práticas culturais do Brasil. Sendo assim, podemos concluir que o Português como Língua Não Materna e suas ramificações abarca várias possibilidades de atuação profissional e pesquisa em diferentes contextos de ensino de português.

Referências

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. **Fundamentos de Abordagem e Formação no Ensino de PLE e de Outras Línguas**. 2. ed. São Paulo: Pontes, 2017. 130 p.

ANUNCIACÃO, R. F. M. **Somos mais que isso**: práticas de (re)existência de migrantes e refugiados frente à despossessão e ao não reconhecimento. 2017. 127 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

ANUNCIACÃO, R. F. M. **A língua que acolhe pode silenciar?** Reflexões sobre o conceito Português como Língua de Acolhimento. *Revista X*, Curitiba, v. 13, n. 1, p. 35-36, 2018.

BECKER, Cristina; PERNA, Lopes; LIMA, Cláudia; et al. **Terminologia, metodologia e ensino em pla.** [s.l.]; [s.d.]. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/10828/2/Terminologia_metodologia_e_ensino_em_PLA.pdf>.

CABETE, M. A.C. S. S. **O processo de ensino-aprendizagem do português enquanto língua de acolhimento**. 2010. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura Portuguesa) - Universidade de Lisboa, 2010.

CAMARGO, Helena Regina Esteves de. **Diálogos Transversais**: Narrativas para um Protocolo de Encaminhamentos às Políticas de Acolhimento a Migrantes de Crise. 2019. 272 f. Tese (Doutorado) – Curso de Linguística Aplicada, Departamento de Linguística Aplicada, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

CAMPETELA, Cilene. **Proposta de material didático para ensino e aprendizagem do Português como segunda língua em escolas indígenas**. *Letras Escreve*, Macapá, v. 1, n. 4, p. 107-128, mar. 2014.

CAVALCANTI, Marilda C. Educação linguística na formação de professores de línguas: intercompreensão e práticas translíngues. *In*: MOITA LOPES, LP. (Org.). **Linguística Aplicada na Modernidade Recente** – Festschrift para Antonieta Celani. São Paulo; Parábola/Cultura Inglesa, p 211-226, 2013.

CORDEIRO, Elisa Novaski. **Onde começam e acabam a teoria e a prática?**- Um estudo sobre o desenvolvimento profissional de professores de L2 em formação inicial. 2020. 217. Tese (Doutorado em Letras) - Setor de ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

DA CRUZ, Júnia Moreira. Português como Língua Estrangeira para Refugiados: Inserção Social em Consonância com o Interculturalismo. *In*: COURA-SOBRINHO, Jerônimo; TOSATTI, Natália Moreira; NEVES, Liliane de Oliveira; LEROY, Henrique Rodrigues; DA SILVA, Mariana F. Valentin (Org.). **Estudos em Português como Língua Estrangeira: Um Panorama da Área**. Belo Horizonte: Cefet-MG, cap. 3, p. 45-56, 2017.

E-Dicionário de Termos Literários. <http://edtl.fcsh.unl.pt/business-directory/7074/lingua-nao-materna/>. Acesso em: 20 Março 2021.

FERREIRA, Luciane Corrêa *et al.* (Org.). **Língua de Acolhimento: Experiências no Brasil e no mundo**. Belo Horizonte: Mosaico, 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FONTANA, Ana Carolina; FERNANDES, Rafael Jefferson; SALGADO, Ana Claudia Peters. **Práticas translíngues e transculturais no ensino de PLE**. Ensaios em Português Como Segunda Língua Ou Língua Estrangeira, [S.L.], p. 1-14, 2018. Faculdades Católicas. <http://dx.doi.org/10.17771/pucio.ple.45962>.

GROSSO, Maria José dos Reis. Língua de acolhimento, língua de integração. *In*: **Horizontes de Linguística Aplicada**. Brasília, v. 9, n. 2, p. 61-77, 2010.

Instituto Camões. **Uma Língua Para o Mundo**. Disponível em: https://www.instituto-camoes.pt/images/eplp/Diptico_dlp16.pdf. Acesso em: 20 março de 2021.

KUMARAVADIVELU, B. **Understanding language teaching: from method to postmethod**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2006.

LOPEZ, A. P. de A. **Subsídios para o planejamento de cursos de português como língua de acolhimento para imigrantes deslocados forçados no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.

MELO-PFEIFER, Silvia. **Português como Língua de Herança: que português? que língua? que herança?**. Domínios de Lingu@gem, [S.L.], v. 12, n. 2, p. 1161, 29 jun. 2018. EDUFU - Editora da Universidade Federal de Uberlândia. <http://dx.doi.org/10.14393/dl34-v12n2a2018-18>.

NÓBREGA, Maria Helena da. **Vista do Ensino de Português para Nativos e Estrangeiros: na Prática, a Teoria é Outra**. *Revistas.usp.br*. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/37334/40054>>. Acesso em: 9 Jun. 2021.
PBSL. Disponível em: <<http://www.lip.unb.br/graduacao/cursos>>. Acesso em: 5 Maio. 2021.

PERNA, C. L. e SUN, Y. **Aquisição de português como língua adicional (PLA)**: o uso de hedges em português por falantes nativos de mandarim. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 46, n. 3, p. 59-70, jul./set. 2011.

PEREIRA, Giselda Fernanda. **O português como língua de acolhimento**: A busca pela autonomia por pessoas em situação de refúgio no Brasil. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, São Paulo, v. 17, p. 118-134, 2017.

REZENDE, P.S. **A constituição identitária de refugiados em São Paulo**: moradias na complexidade do ensino-aprendizagem de português como língua estrangeira. 269 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC-SP, São Paulo, 2010.

SÃO BERNARDO, M.A. de. **Português como Língua de Acolhimento**: um estudo com imigrantes e pessoas em situações de refúgio no Brasil. 206 f. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de São Carlos, 2016.

SCHLATTER, M, GARCEZ, PEDRO DE MORAES. **Línguas adicionais na escola: aprendizagens colaborativas em inglês**. Edelbra Editora Ltda, 2012.

SOUTO, Mauren Vanessa Lourenço; ALÉM, Aline Olivia Flores Gonzales; BRITO, Ana Marlene de Souza; BERNARDO, Cláudia. Conceitos de Língua Estrangeira, Língua Segunda, Língua Adicional, Língua de Herança, Língua Franca e Língua Transnacional. *In Revista Philologus*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 60, p. 890-901, set. 2014.

SPINASSÉ, Karen Pupp. Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil. *In Revista Contingentia*, 2006, Vol. 1, novembro 2006. 01–10.

ZOPPI-FONTANA, M. G. O português do Brasil como língua transnacional. *In ZOPPI-FONTANA, M. G. O português do Brasil como língua transnacional*. Campinas: RG, 2009.